

QUATRO CONTOS

Mario Tessari

© Mario Tessari, 2013.

Mario Tessari
escreveu os textos e diagramou o livro.

Jorge Tessari
elaborou a capa.

Mauro Tessari (CRB-14/002)
preencheu a

FICHA CATALOGRÁFICA

Tessari, Mario

Quatro Contos / Mario Tessari. – Jaguaruna :
Edição do Autor, 2015.
64p.

1. Contos catarinenses. I I. Título.

CDD 869.9301

Sumário

5	O INTELLECTUAL E O SÁBIO
25	UM BAIRRO CHAMADO FAVELA
35	HELESÉ
52	RELÓGIO DO DESASSOSSEGO

O INTELLECTUAL E O SÁBIO

Um intelectual caiu de paraquedas diante da casa de um caboclo.

Caiu é modo de dizer, pois, ao descer do céu, o intelectual, com os olhos lotados de medo, ficou pendurado na árvore gigante que sombreava a casa, o pátio e o rio.

Do banco em que estava sentado, o caboclo acompanhou a queda e ficou olhando para o vai-e-vem do intelectual balançando ao vento. Continuou sentado, admirando aquele filme inesperado, pois cinema na roça é obra do acaso. Ele assistia, nesse dia, a um espetáculo gratuito. Aliás, para assistir ao espetáculo da vida, ninguém precisa pagar ingresso.

Passada a paúra, o descido-do-céu começou a xingar o matuto, que queria mais era prolongar o gozo daquela cena. Afinal, não é todo dia que cai um intelectual do céu. O cainte gritava:

— Não está percebendo que estou pendurado e corro risco de vida?

— Percebendo, tô não. Mais, certeza tenho que risco num tá correndo e pode fica tranquilo: daí, tu num cai. Tá bem garrado.

— Homem, faça alguma coisa... A qualquer momento posso cair e fraturar a áxis, segunda vértebra cervical, com rompimento da medula oblonga.

— Preocupa não. Cê num cai do colo da árve. Tá bem seguro aí.

— Estou mandando, seu palerma: faça alguma coisa.

— Tô fazendo, ora. Num tô oiando... Inté tá bastante!

— Lamentável! Nesse aperto, tomado de aflição, esqueço que certamente você é analfabeto e tem imensa dificuldade ao abstrair solução para situações complexas. Devo falar de forma mais simples para que você consiga entender.

— Óia, entendendo, eu tô. E rindo docê, tamém...

— Você sabe o quanto já estudei; sabe quantos diplomas eu tenho?

— Sei não.

— Pois, fique ciente de que falo várias línguas e conheço muitos países dos cinco continentes.

— Nem carece tanta língua... Eu falo com uma só e dá pro gasto. A muié tamém tem uma só, mais, memo ansim, agaranto, fala mais que vancê.

— Conheço as línguas romanescas, provençais, ..., ..., ... e as modernas.

— Nossa! Intão, tá bom.

— Está bom para você, que está em solo, sentado e seguro, apesar de sua insignificância social. No entanto, minha queda pode significar uma imensa perda para a humanidade, pois detenho conhecimentos imprescindíveis para o avanço da ciência. Estudei durante vinte e seis anos e hoje sou um intelectual consagrado.

— Que é memo um intelectual?

— Sou uma pessoa letrada.

— Qui adiante, nessa direção, o fazendero Lugero tem muito boi letrado, cás letra du nome dele escrita cum ferro em brasa na bunda dos boi.

— Não é a essas letras que me refiro. Pessoa letrada é uma pessoa com elevado cultivo do espírito, pessoa de inteligência extraordinária.

— I isso... serve pra quê?

— Realmente, não consegues entender o que falo devido às tuas limitadas condições intelectuais, resultantes do isolamento em que sempre viveu. Tentarei me fazer entender; serei mais explícito.

— Precisa não, moço. Tô bem assim como sô.
Precisa de nada não.

— Oh! Deuses do Olimpo! Ajudai-me a mover
esse ser inepto, no sentido que cumpra com sua
obrigação de me tirar desta situação perigosa.

— Tem perigo, não. Quem cai na água não se
machuca. É só nadar até a barranca.

— Nadar? Eu?

— Só farta dizê que o dotô, cum tanta língua i
tanta letra, num sabe nadá...

— Vivo na cidade grande, de universidade em
universidade, estudando os compêndios mais
nobres da cultura humana e não desperdiço
tempo com atividades arcaicas e desnecessárias,
pois, hodiernamente, o avanço tecnológico
proporciona equipamentos sofisticados e
seguros para navegar ou mergulhar nas águas
fluviais, lacustres ou marítimas, com rapidez e
eficiência.

— Intão... é só fazê.

— Com certeza, se eu tivesse em mãos as
tecnologias de que disponho lá na metrópole,
sairia de cima desse vegetal lenhoso, de uma
forma simples e segura. E nem precisava de
esforço. Bastaria que, nesse fim de mundo,
tivesse uma antena específica e que meu celular
estivesse funcionando, para chamar os

bombeiros, os quais, com equipamentos de última geração e aplicando os mais recentes procedimentos técnicos de salvamento, tirar-me-iam dessas alturas, sem maiores percalços.

— Tamém num vejo pobrema... Vancê pode descê pela árve o pode pulá no rio... É só iscoiê.

— Rio? Nem tinha percebido que estou dependurado sobre um curso d'água... Qual é o nome desse rio?

— Tem nome, não. Nem é batizado. É só rio memo. A gente diz rio e pronto. Vai pro rio, pesca no rio, atravessa o rio, ...

— Como pode uma pessoa viver à margem de um rio sem nomeá-lo, sem identificar os acidentes geográficos...

— Aqui dá acidente não... As piranhas às vêis aparece, mais nóis já sabi, anda divagá i, quando elas percebe, já passamo.

— Piranhas? Só faltava mesmo esse rio estar povoado de piranhas!

— Povoado, povoado ansim qui nem gente, elas num fais; elas vive sorta pra cima e pra baixo, procurando carne.

— Estou falando da densidade populacional de peixes, do tamanho dos cardumes.

— Disso num sei. Só sei que tem o rio e, no rio, tem quantidade de peixe e que os peixe véve por aí.

— Insisto. Provavelmente, você sabe o nome desse rio e está apenas escondendo o nome dele, para me martirizar.

— Moço, nós num carece sabê o nome do rio pra nele nadá o pescá peixe do bom, grado ansim... (e mostrava o tamanho do peixe)

— Homem, deixe as divagações para depois e tira-me desta situação incômoda em que o destino me colocou.

— Qué memo que vancê disse que era? Intelectual?

— Sim. Sou um intelectual: pessoa que produz pensamentos elaborados.

— I isso serve pra quê?

— Para pensar, para desenvolver teorias científicas, para resolver situações conjunturais, para...

— Puis, tá í uma oportunidade de aplicá a tar de teoria...

— Por favor, tira-me deste paraquedas e desce-me desta árvore, com cuidado e bem devagar.

— Isso lá eu sei fazê. Guenta aí. Já tô subindo...

E, sem maiores dificuldades, o caboclo retirou o intelectual que esteve enrolado pelas cordas do paraquedas e o carregou até o chão, ainda tomado de palidez e tremor. Deitou o homem no chão batido e foi apalpando, com o cuidado de encontrar ossos quebrados. Nada. Fora os arranhões pelo corpo e dos buracos abertos na roupa delicada, parecia estar tudo normal; nada grave.

Assim permaneceu, meio desmaiado, meio entorpecido, até que sinhá Maria veio com uma cuia de água fresca e umedeceu a goela seca do medroso.

Então, ele foi sossegando, aquietando e pondo cor na cara, arranhada aqui e ali pelos galhos da árvore em que caiu. E foi se erguendo nos punhos, até sentar na poeira do terreiro, como quem jamais houvesse sentado no chão.

Só que a tremedeira permitiu movimentar o pescoço, esparramou os olhos pelo derredor foi se admirando da altura em que ficou preso, do tamanho do rio, da mata fechada, das galinhas e do galo.

— O quê? Esse galo deve ter defecado sobre o solo em que estou sentado!

— Tadinho do galo... Ele nunca ouviu essas palavra complicada... Nem imagina do que vancê tá falando.

— Fezes... Ele deve ter empestado o ambiente.

— Credito, não! Esse galo é novo e fais mais de deis ano que passou por aqui a peste que matava galinha...

— Não, não, não, não, ... Não vou mais perder meu tempo com um energúmeno.

— A pressa é sua...

— Por falar em pressa... Qual é a cidade mais próxima?

— Ué! É a cidade.

— Cidade?

— Cidade.

— Qual o nome da cidade mais próxima?

— Cidade.

— Você não viu escrito o nome da cidade?

— Vi. É branco... escrito nas praca... nas beira das estrada e das rua.

— Você sabe ler?

— Não. Mais, se vancê quisé, vamo até lá na faxa, que eu mostro... Te agaranto sei munto bem qual é o nome da cidade... Ele tá escrito nas praca.

— Essa estrada é longe?

— Logo ali...

— E a cidade?

— Bem adiante.

— Quanto tempo será necessário para irmos daqui até a cidade?

— Deacavalo? Umas sete hora... Mais, bem antes teim a Vila, cum bodega, posto de saúde e igreja. Inté telefone teim...

— Então, vamos para a vila. Onde está a montaria?

— Bem... monte tem praqueles lado...

— Montaria, cavalos.

— Cavalo? Só um, o meu.

— E onde está esse teu cavalo?

— No potrero.

— Então, vá buscar esse teu cavalo.

— Agora?

— Homem, preciso retornar para onde as responsabilidades me esperam. Faça o favor de buscar e encilhar o cavalo, para que possamos sair desse sertão.

— Buscá o cavalo?

— Eu pago, pode ficar tranquilo.

— Tranquilo num posso ficá... É que ele é ainda meio chucro...

— Isso, nós veremos depois; agora, traga o cavalo e, sobre ele, coloque os arreios.

— Vancê já amuntô im cavalo chucro?

— Cavalo é cavalo; somos superiores a um cavalo.

Diante de tanta superioridade, o caboclo cismou de colocar o doutor em cima do caborteiro para poder acompanhar o tombo sem mover palha. Imaginou que o doutor ficaria pouco tempo no ‘andar superior’, pois o animal logo o colocaria no mesmo nível, como ‘seres iguais’. Por isso, fitou demoradamente o homem, apagou a brasa do palheiro, prendeu a xepa atrás da orelha e foi campear o zaino.

Voltou com ele preso por um buçal rústico e tirou do rancho os únicos dois apetrechos que possuía para o animal: um freio simples e um baixeiro. O intelectual ficou mudo de incredulidade: aquela era a montaria que poderia levar os dois até à vila? Com aqueles apetrechos imundos?

— Você costuma cavalgar sobre esses andrajos?

— Costumá, costumá, a gente nunca acostuma; anda porque percisa... Aprefiro andá a pé... quando é perto. Pra estirão de duas légua, pego o zaino.

— Esse matungo suportará nosso peso por tanto tempo?

— Guenta não. É perciso descansá umas duas vêis...

— Concluo que estamos mesmo a pé.

— Sim. A pé ainda, mas o cavalo tá pronto pra amuntá. Vamo lá?

— Vá você e traga uma condução mais confortável.

— Na vila, num tem conforto: tudo é muito simples.

— Tem algum táxi?

— Táquici? Num conheço nenhum co'esse nome...

— Táxi, carro, automóvel, ...

— Isso, só na cidade.

Depois de muita negociação, ficou combinado que o caboclo iria sozinho e traria uma charrete, com condições mínimas de conforto e segurança, para conduzir o doutor até à vila. Ali, ele contrataria outro transporte.

O matuto saiu em silêncio, sem se despedir da família. Ia meio a contragosto. Nem olhou para o homem que ficou em pé, de braços cruzados, acompanhando o trote do pangaré até o conjunto equestre sumir na cortina da floresta.

Permaneceu como uma estátua pensativa por um bom tempo.

Foi despertado pelo canto do galo carijó que anunciava sua supremacia na área. E, ligando os ouvidos, escutou Sinhá Maria resmungando impropérios contra aquela presença que perturbava a rotina caipira. Olhou ao redor e não vislumbrou um local em condições higiênicas para receber sua calça de marca.

Começou a andar em círculos, mas era enfrentado pelo cão de guarda toda vez que a curva de seus passos se aproximava da casa. Porém, acalmava sempre que o passante se afastava para os lados da vila. Possivelmente, torcia para que o intruso fosse embora de vez.

O intelectual foi consumindo as horas em reflexões circulares até que a noite foi se avizinando com presságios agourentos. Bastava olhar para o céu para ler o advento de perigos obscuros. Aves em bando fugiam para Leste; as galinhas, em silêncio fúnebre, seguiam com o galo para a árvore-dormitório; a vaca malhada esperava impacientemente pela ordenha e Sinhá Maria, acorada diante do fogão de pedra, montava gravetos sobre folhas secas para acender o fogo que iluminaria a minúscula moradia.

Sabendo que dali sairia calor, o gato se achegou às cinzas e as crianças começaram a choramingar pedindo comida.

As chamas nasceram tímidas e indecisas, mas, aos poucos, cresceram e Sinhá Maria saiu com a panela e com um balde para buscar água da fonte.

O doutor, que até então observava à distância, lembrou que estava com a garganta seca desde o início da tarde e aproveitou a frouxa luz crepuscular para andar até a fonte, onde pretendia saciar a sede. Porém, já estava mais humilde e considerou que a vez era de Sinhá Maria.

Tão logo a mulher saiu arcada pelo peso do balde, aproximou-se da fonte e constatou que a dificuldade poderia ser maior do que ‘tomar uma cerveja no bar da esquina’. A água estava ali, convidativa... mas distante. Parecia rir dele, que jamais precisou se abaixar para saciar a sede.

Se houvesse um copo, uma caneca ou ... mesmo uma tampa de garrafa... Nem isso havia. Nada.

Agachou-se, fez uma concha com as mãos e captou um punhado de água... que foi escorrendo pela roupa, até chegar com algumas gotas aos lábios sedentos. Foi pouco, mas o suficiente para sentir a leveza e a doçura da água.

Repetiu a operação por diversas vezes, com pouco proveito.

Finalmente, vencido pela própria incompetência, deitou-se sobre o chão úmido, enfiou a cara na fonte e saciou a sede.

A sede, porque a fome continuava a roer as entranhas. Percorreu a mataria com os olhos, sem encontrar frutas urbanas. Nem frutas silvestres encontrou. Só encontrava, cada vez mais, a fome.

Apalpou o maço de dinheiro que trazia no bolso da calça, imaginando que ele seria suficiente para pagar muitas refeições, mas, ali, aquela fortuna nada comprava, porque não havia o que comprar.

Distraiu-se com esse dilema e nem percebeu que Sinhá Maria já havia ordenhado a vaca e retornava com o leite espumante a transbordar da panela. De repente, aquele leite ainda cheirando a vaca lhe pareceu apetitoso e engoliria boa parte dele se não fossem as consequências indigestas que a lactose provocaria no organismo dele.

Por isso, apenas seguiu o alvo alimento rumar para a cabana aos balanços irregulares da cabocla, que entrou para a escuridão do lar xingando com os moleques.

A noite se espalhou rapidamente sobre as matas e o doutor sentiu medo dos rumores noturnos que surgiam do nada, cada vez mais próximos e assustadores.

Assim como quem não quer nada, foi se achegando ao barraco e entrou feito um gato familiar. Inicialmente, encolheu-se a um canto, temeroso de manchar a fatiota social. Depois, quando as canseiras atacaram as pernas com dores e com câimbras, sentou-se num cepo ensebado, já sem cuidados para com os fundilhos das calças.

Sinhá Maria nem reparou, dando graças que ele não bulisse com as coisas dela e, principalmente, com ela e com as crianças. Estava por demais sobrecarregada com a lida doméstica para perder atenção com aquele estranho.

Quando o angu doce ficou pronto, a criançada avançou na comida e, em seguida, foi aos poucos aquietando pelo chão de terra batida, que se fazia aconchegante pelo calor que emanava do fogão. Em pouco tempo, dormiam a sono solto.

Distraído com o ritual caipira, o doutor acabou esquecendo do caboclo que tinha ido pra cidade em busca de condução e até de si próprio, da fome e do medo. Por isso, assustou-se quando Sinhá Maria, com os olhos bem vivos, o

encontrou naquele canto escuro e ofereceu um pouco do jantar que ela reservava para o marido.

As dúvidas, então, tomaram conta do espírito do doutor: Esse rango caipira seria digerível ou transtornaria seu estômago tão delicado?

Deveria aceitar a oferta, imediatamente, sem esperar pelo ‘outro homem’? E esse ‘outro homem’ que nunca chegava? Teria se perdido ou estava aproveitando a viagem para beber uns tragos?

Porém, a fome apertava cada vez mais e ele acabou aceitando a oferta sem maiores exigências.

A noite já havia tomado conta da natureza e a mulher já dormia profundamente sobre a esteira de palha quando ele ouviu o cachorro anunciar a chegada do caboclo. Logo a seguir, aguçando os ouvidos, ele conseguia escutar também o tropel do matungo, cada vez mais próximo.

Escutou o dono e o cachorro conversando, cada um na sua língua; ambos felizes com o reencontro. Ainda seguiu a conversa do matuto com o cavalo, a quem agradeceu ternamente por ter suportado tão penosa caminhada. Sentiu também o cheiro do suor do animal quando este ficou livre dos baixeiros. Mais aliviado, o cavalo relinchou reconciliações. Finalmente, escutou os passos do caboclo em direção à porta do rancho,

que, de repente, foi aberta de supetão. O homem colocou suas tralhas no fundo do rancho e voltou até o fogão.

Já mais acostumado à escuridão, ficou contemplando o trabalho do outro para reativar o fogo do braseiro. Quando as chamas ressuscitaram, o caboclo ficou diante do fogo, em profunda meditação. Ele, que também havia mergulhado em pensamentos, levou um susto quando o caboclo, sem se voltar, falou com voz calma, clara e segura:

— Num queriam acreditá... quasi que eu passava por mentiroso... Num fosse o compadi Genuíno aparecê cum essa história de pano colorido descendo do céu...

Fez uma longa pausa e, depois, prosseguiu:

— Memo ansim, ninguém quis atendê meu pedido. Disseram que doutô sabe tudo e que devia de sabê vortá pra cidade por conta própria.

— Estou começando entender que nem os doutores de verdade sabem tudo. Muito menos eu que sou apenas um acadêmico que iniciou um curso de paraquedismo. E, como você sabe, não posso retornar pelo caminho que usei na queda. Poderia tentar a navegação pelo rio, mas não possuo sequer uma canoa. E, como nunca estive aqui antes, não conheço estradas ou atalhos.

Portanto, dependo de você para retornar ao lugar de onde vim.

— Se acheque aqui, dotô, que logo logo o fogo põe calor na gente.

Sentindo um toque de intimidade, o caído-do-céu se achegou ao novo amigo. Conversaram animadamente sobre os incidentes daquele dia, sobre suas vidas e, principalmente, sobre seus sonhos.

Enquanto isso, dividiram o angu requeimado e prepararam um pirão-de-água, enriquecido com um ovo da galinha carijó. Como os dois estavam com muita fome, o rango desceu redondo.

Antes de deitarem para o merecido descanso, o caboclo, finalmente, deu notícias das negociações na cidade: no dia seguinte, lá pelas dez horas, chegaria uma charrete para levá-lo até a vila. E o doutor estava com sorte, pois o motorista do caminhão que estava transportando toras poderia dar uma carona da vila até a cidade.

Assim, mais apaziguado e seguro, o aprendiz de paraquedista dormiu razoavelmente bem, apesar da rusticidade das acomodações. Teria dormido melhor não fosse uma preocupação nascida no silêncio da noite: havia esquecido completamente das pessoas que deveriam estar procurando por ele e que, por isso, talvez dormissem menos que ele. Penitenciava-se por

não ter pedido ao caboclo que tentasse avisar que ele estava bem, mesmo que sem condução apropriada.

Por tudo isso, acordou com o canto do galo e ficou aguardando a claridade do dia para sair para o pátio, um pouquinho antes de o caboclo fazer o mesmo.

Comeu umas broinhas duras e umas beijuícas de melado, com café de chapa. Depois, sentou-se em frente ao rancho e fincou os olhos na direção da picada que ia dar na vila. Passou a manhã esperando a charrete que o levaria para casa, mas ela não veio.

Como que adivinhando, Sinhá Maria puxou o pescoço de um frango e ensopou as partes que exigiam aproveitamento mais imediato. O molho ficou suculento, pois havia uma boa gordura por entre as carnes. Para acompanhar, o caboclo colheu e descascou aipim amarelo, que virou um creme macio e saboroso.

Por fim, considerou que valeu a pena esperar até o meio-dia, pois o banquete estava farto. Durante a refeição, comentou isso com o novo amigo, que listou as possíveis causas da demora: alguma doença em família, algum acidente ou outro imprevisto qualquer. Mas, garantia que o rapaz viria, nem que fosse para avisar que não viria.

Diante desses argumentos, o homem-que-caiu-do-céu desistiu de esperar e aproveitou a tarde para acompanhar o caboclo em uma pescaria das mais animadas. A boa safra prometia um jantar farto.

Porém, ainda estavam na barranca do rio quando um dos moleques veio avisar que a charrete havia chegado e que o rapaz estava com pressa de voltar, porque temia ser apanhado pela noite enquanto ainda estivesse varando a mataria fechada.

Agora que a despedida era eminente, todos esqueciam as divergências do dia anterior, quando as opiniões individuais pareciam barreiras intransponíveis para uma convivência amistosa. Despediram-se com promessas de reencontros.

O homem-que-caiu-do-céu subiu solenemente na charrete e sentou-se ao lado do rapaz, que já instigava o cavalo para que iniciasse rapidamente a viagem para a cidade.

A família acenou para os viajantes até eles sumirem na primeira curva da estrada rústica. E, ao voltar à realidade, se depararam com uma grande feira de peixes por limpar.

UM BAIRRO CHAMADO FAVELA

José tinha, da vida urbana, uma ideia ambígua, metade curiosidade, metade medo. Via, pela televisão, muitas maravilhas, mas que poderiam ser coisa ‘de cinema’ e não imagens reais da cidade grande. Meio a contragosto, embarcou no carro do fazendeiro e foi ver tudo com os próprios olhos.

Na chegada, era tanta coisa por ver que seus olhos ficaram embaralhados; era tanto barulho nos ouvidos, que a mente ficou confusa. Mas, aos poucos, foi acomodando sons e imagens, foi organizando as ideias e tudo passou a ser normal. Bastava continuar apreciando o espetáculo.

Passaram por muitas ruas, muitas avenidas, muitos bairros, ... e, depois de horas rodando pela cidade, embicaram por uma ruela estreita que desembocava noutras mais estreitas ainda, que iam subindo, até chegarem à casa do parente do fazendeiro, num lugar alto, de onde podiam ser vistos muitos prédios com muitas janelas e muitas antenas de televisão.

A casa era mais ou menos, mas ficava espremida entre outras tantas casas, sem uma horta ou mesmo um jardim. Bem... a casa era quase do tamanho do terreno. Era tudo tão apertado que ele sentiu um sufoco, como se faltasse ar para encher meio pulmão. E o ar... Bem, o ar tinha um cheiro enjoativo, desses que fazem nojo.

Num primeiro momento, deu uma vontade de voltar correndo pra casa dele, escondida no meio do mato, com vastidão de pátio, com árvores sombreando o caminho e com uma vasta horta aos fundos.

Porém, o parente do fazendeiro já foi servindo uma coca-cola geladinha com pão doce e ele gostou muito e começou a apreciar a cidade grande, pois tinha padaria em cada esquina e muitas moças faceiras andando pra cima e pra baixo. E, pelo vozerio que entrava pelas janelas, julgou ser um povo alegre, cheio de felicidade, barriga cheia e nada por fazer.

A tiracolo do fazendeiro, conheceu a casa do deputado, muitas lojas enormes, cada praça mais linda, vendedores simpáticos e gente bem vestida, perfumada. Andava no ar, imaginando que a vida urbana era, de fato, igual uma novela das sete. O sabor dos quitutes servidos pela secretária do doutor deputado caminhava com ele e isso dava a ilusão de que a vida na cidade grande era muito saborosa.

Envolvido em tanta novidade, passou pelos minutos em alta velocidade e só lembrou de olhar tudo com mais calma quando o carro do patrão desembarcou da última calçada para dentro da rodovia, até uma placa verde com letras brancas em que estava escrito o nome da aldeia em que nasceu, cresceu, casou, procriou e gastou os dentes comendo canjica.

A estrada de chão batido pareceu ainda mais estreita que estreita era a rua do parente do fazendeiro e do que ela própria sempre pareceu. Teve a sensação de que a ramagem das árvores se debruçava sobre o automóvel tentando oprimir ainda mais o seu espírito, já tão oprimido que era pela situação de peão de roça, pelo peso do trabalho inglório e pelo menosprezo de toda a família do patrão, que lembravam a ele, à esposa e aos filhos magrelas que eram uns pés-rapados, barrigudinhos e analfabetos.

A sensação de nulidade aniquilou com sua autoestima tão logo desceu da carona e foi pisando o cascalho da trilha que ligava a iluminada casa patronal à tímida claridade que mal tinha forças para sair da minúscula janela de seu casebre. Além da penumbra, um silêncio morno envolvia todo quintal e as paredes, pintadas há décadas, pareceram ainda mais pálidas. Entrou em casa tão murcho quanto

evidentemente murcho era o rosto da sua companheira de vida. Até o banco da sala pareceu menor e mais duro. O fogo crepitava debaixo da panela, sem força de aquecer, e, só agora, ele percebia que o teto estava preto de picumã e que as teias de aranha cobriam o quadro da virgem que olhava fixamente para ele.

Quis contar todas as novidades de uma só golfada, mas a narrativa não passou de um muxoxo sem sentido e a mulher permaneceu tão indiferente que ele nem tentou retomar o assunto. Libertou os pés dos sapatos apertados, despiu as roupas de viagem e liberou todo ar reprimido um dia inteiro. Estava em casa, mesmo que acabrunhado.

Depois de roer a bóia, espichou o esqueleto sob o lençol e recostou a cabeça no suor do travesseiro. Nem escutou os rangidos dos dentes dos filhos, os pios da coruja na cumeeira e os arroubos do gato amarelo para os lados da gata preta que estava em noite de cio. Mas, também não dormiu... Andou pela cama feito um sonâmbulo e recebeu a claridade do dia com o corpo dolorido e a mente aturdida.

Rumou para a estrebaria, maltratou a vaca que fornecia o leite de cada manhã, reclamou dos bois, chutou o cachorro e deixou o leite na cozinha do patrão sem dizer palavra. A cidade estava viva na cabeça dele, bulindo com as ideias.

Aquele vendaval de novidades, aquele frenesi de cores e de sons, aquilo tudo estava remexendo com os miolos e provocando uma insatisfação incontrolável.

No caminho entre a casa do senhorio e a casa em que a família o esperava, sentiu-se importunado pelos sabiás que saltitavam pelo chão, pelas abelhas que polinizavam as macieiras, pelas borboletas multicoloridas, pelo perfume das flores do jasmim, pelo murmúrio do regato, pelo azul do céu, pela luminosidade da manhã, ... Estava cansado daquilo tudo, enfastiado.

Encontrou os meninos que corriam para o ônibus escolar que os levava diariamente para a escola. Lamentou eles não terem conhecido a cidade grande, as maravilhas da cidade grande. Eles também haviam nascido ali, naquele fim-de-mundo, dependendo da luz da lua para poder passear à noite.

Engoliu o pão embebido em café com leite, ao mesmo tempo em que começava a cuspir para cima da mulher uma ladainha de novidades, de coisas que ela nem imaginava. Ela ouviu várias vezes todo o entusiasmo do marido, até interromper a enxurrada de palavras com uma pergunta inesperada: “Qual era o nome do bairro em que o compadre do fazendeiro morava?”

Ele parou... pensou... pensou... Nada. Qual era mesmo o nome daquele bairro? Será que ninguém mencionou o nome ou ele é que, de tão aturdido, não teria prestado atenção a uma informação tão importante. Qual era mesmo o nome daquele bairro lá no alto do morro?

De repente, a cabeça estava vazia. Sem o nome do bairro, sem mais nada. Todas as lembranças, todos os entusiasmos fugiram silenciosamente. Fechou os olhos para poder procurar melhor todas as coisas bonitas que repetiu tantas vezes minutos antes... Nada. Maldita mulher. Perguntou algo que ele nem imaginava... Aliás, ele nem imaginava que, justamente ela que nada sabia da cidade grande, justamente ela, fosse exigir uma resposta que ele não tinha...

Levantou-se do banco ensebado, passou pelo alpendre, pegou o chapéu de palha e foi cuidar da lida, entre resmungos e impropérios. Iniciava-se uma etapa de revolta, que logo cedeu lugar à elaboração de planos para migrar pra cidade grande.

Decidido pela mudança, comunicou primeiro ao patrão e, só depois, falou para a mulher que eles iam finalmente viver que nem nas novelas da televisão.

O patrão precisava do peão para quase tudo, porém, se fosse pagar todos os direitos

trabalhistas em débito, teria de vender parte das terras. Viu nisso uma oportunidade de liquidar a dívida, sem grandes dispêndios. Lembrou ao matuto que abandonar tudo assim de repente é ingratidão das grandes, mas que ele concordava que, na cidade, poderia ter mais chances de emprego, estudo pra criançada, posto de saúde por perto. Que passasse ali no dia seguinte, que as contas já estariam calculadas e que o dinheiro de direito seria entregue.

Não foi assim tão simples com a mulher... Essa apenas soltou um longo suspiro e sumiu quarto adentro, lamentando o dia em que casou com um ‘coitado que não tinha serventia’. Já os filhos adoraram a ideia e queriam ir no mesmo dia. Mas as coisas não eram assim tão fáceis. Antes de mais nada, precisava receber os atrasados que o patrão devia e teria de encontrar um lugar onde morar.

Uma semana mais tarde, assinou todos os papéis que o patrão apresentou, agarrou o dinheiro do acerto e mandou-se pra casa do parente do fazendeiro. Além da mochila, levava carradas de esperança.

Nem bem chegou na casa do homem já foi perguntando o nome do bairro, que era pra poder dizer, com segurança, quando a mulher voltasse a perguntar. Favela. Pensou em pedir o nome por escrito, para não esquecer, mas nem

foi preciso. Essa era a palavra mais divulgada por lá e, mesmo quando foi para o centro da cidade, logo todo mundo foi perguntando se ele vinha da Favela. Com orgulho, confirmava: Moro no Bairro Favela.

O parente do fazendeiro, sabendo que o matuto trazia consigo o dinheiro do acerto de contas com o patrão, foi logo oferecendo pensão, com pagamento adiantado dos três primeiros meses. Era quase todo o dinheiro que possuía, porém, a cidade estava cheia de oportunidades e logo estaria rico, com casa própria e a família reunida. Por isso, não economizou.

Quando o dinheiro acabasse, ele ganharia alguma bolsa do governo, como a maioria dos habitantes do Bairro Favela. Havia bolsas pra todo mundo, em qualquer situação; até as famílias dos criminosos ganhavam mais que um salário-mínimo de bolsa. Os aleijados, então, só tinham privilégios... Se, lá no sertão, aleijados, cegos e debilóides penavam um monte, na ‘cidade grande’, eles viviam melhor que um cara forte e valente.

Contando com essa ‘bondade’ do Governo, José não economizou nas passagens de ônibus, nos lanches e ... na cervejinha. Assim, o dinheiro chegou ao fim bem antes de começar a procura de emprego. E o que era pior: tinha de procurar a pé. E estava difícil... não havia vaca por ordenhar,

boi por laçar, bezerro por castrar, porco por matar, ...

Antes de completar dois meses de cidade grande, já sabia as diferenças entre crack, maconha e cocaína. O ‘Bairro Favela’ possuía vários pontos de venda dessas drogas e o pessoal da casa havia alertado para que ficasse longe desses locais e jamais enfrentasse os traficantes, por mais provocado que fosse. Viu muitos jovens drogados e meninas vendendo o próprio corpo. Viu, sentiu o cheiro, escutou as fofocas e arrepiou-se. Ainda bem que seus filhos estavam com a mãe, morando no meio do mato.

Trabalhou de ajudante de pedreiro, de carregador, de pintor e de catador de materiais recicláveis. Precisava conseguir dinheiro para voltar para casa, levando alguma coisa que distraísse a família na hora da chegada. Assim, talvez não conseguissem ver a decepção estampada no rosto. Para facilitar, chegaria ao anoitecer: a penumbra e a brevidade do jantar seriam seus aliados para esconder a vergonha. No outro dia, os meninos iriam pra escola e, com certeza, a mulher entenderia sua ilusão.

E assim fez.

Só depois de capinar o quintal e de gozar algumas noites de sono rural, foi procurar o patrão, com cara de piduncho. Esperava um não

retumbante, mas o homem parecia estar esperando pela sua volta. Apenas exigiu que fizesse Carteira de Trabalho e que redobrasse os cuidados com os animais e com as benfeitorias.

HELESÉ

A GÊNESE

Helesé nasceu sob o peso da responsabilidade de honrar Helena e José. Pesada herança para qualquer humano; muito mais para quem recebeu dos pais todas as licenciosidades já concedidas ou ainda por inventar.

Apoiado pelo pátrio poder, começou seguindo a própria vontade, até perder a vontade própria e seguir qualquer sugestão, principalmente aquelas que conduziam ao país da insensatez.

As decepções da família começaram no berço: o bebê era por demais indisciplinado. Não dessas indisciplinas assumidas, com marca registrada; dessas que identificam um sujeito como rebelde promissor ou líder em potencial. Que nada. Era uma indisciplina frouxa, sem determinação, sem intencionalidade, quase que inconsciente.

Da inocência pueril, passou direto para a libertinagem, fazendo tudo quanto é sacanagem, irreverente aos costumes, à moral e às regras

sociais. Desrespeitava até o sagrado regimento da trupe do bairro, da qual era, simultaneamente, a alegria e a vítima. Nas brincadeiras e jogos infantis – e, mais tarde, juvenis –, seguia os impulsos imediatos, indiferente a regulamentos ou convenções grupais. Indisciplinado de nascença, obstinado por formação, insubmisso por direito adquirido, passou por cima de toda ética e atingiu o grau máximo de rebeldia inconsequente.

O espertalhão humilhava a todos que não apresentassem perigo físico para ele. Tripudiava das questões morais, com indiferença ostensiva; simplesmente, aboliu a palavra vergonha da paupérrima coleção de vocábulos que conhecia e usava. Armar ciladas aos fortes e gracejar dos fracos eram suas principais diversões. Com animais indefesos, então, praticava tudo quanto é perversidade; maltratava sem dó. Se divertia do sofrimento alheio, ignorava todas as críticas e fugia de todas as censuras.

Era – literalmente – um homem livre, um cabeça-de-vento que só queria vagar pelo mundo ao deus-dará. Produzir ou carregar honra, então, seriam trabalhos hercúleos para ele. Completamente inútil esperar dele lealdade ou respeito. Ou seja, o produto saiu muito diferente do que foi projetado.

Registro isso para melhor entendimento da ocorrência policial que passo a relatar.

O FALSO SEQUESTRO

Helesé, pilotando o Chevette preto, vagava pelas ruas, distraidamente. Distraído ... até ser ultrapassado por uma motoqueira ativa e segura da rota a seguir. Como nosso herói jamais soube o que fosse um roteiro a seguir e nem mesmo sabia para onde ia, seguiu a primeira borboleta que passou. Sim. Sim. A moça formava uma figura tão leve sobre o biciclo, que parecia voar. Não pelo excesso de velocidade, mas sim pela desenvoltura com que seguia adiante.

E ele seguiu atrás. Não por muito tempo, porque outra motorista o distraiu com uns fiapos de cabelos louros esvoaçando pela janela do veículo. Ficou indeciso sobre qual das duas era mais atraente e, quando se deu conta, estava na praia. Sozinho.

Perdeu de vista as duas mulheres, mas sempre aparece uma outra miragem a seguir. Principalmente na praia, em pleno verão. A contragosto, teve de deixar o possante numa vaga destinada a deficientes e seguiu a pé pela areia.

A praia era um desfile de roupas íntimas. Muito íntimas!!! Mulheres de todas as idades, de todas as peles, de todos os sorrisos. Exuberantes, em poucos panos e ... maravilhosas. Sem maiores perspectivas de abordagem, ficava apenas babando no próprio peito. Andou até secar a boca.

Encalhou, então, num quiosque e ficou bebendo cerveja. Talvez por efeito do álcool, passou a ver homens também. Só então os percebia. Um deles veio até o balcão pedir informações. O atendente era ‘de fora’, desconhecia o lugar e nada informou. Mas ele – Helesé – dizia conhecer tudo e todos e queria informar. Não pelo homem, em si; mas pelas três garotas que ficaram esperando por ele, ali ao lado.

O grupo queria ir até uma outra praia, mais afastada, quase deserta, bucólica. Seria fácil indicar o caminho e explicar as facilidades e as dificuldades que poderiam lá encontrar. Mas, eram três mulheres e um homem. Valia a pena dar um auxílio. Simulou estar com pouco tempo, mas, dada à falta de sinalização rodoviária até a dita praia, seria importante que ele mesmo os levasse até lá. O homem olhou para as mulheres e as mulheres olhavam para os dois e os turistas pareciam indecisos.

Indeciso é que Helesé não era. Foi logo pagando a cerveja que ainda faltava beber – isso poderia

causar impressão de desapego e de bolso cheio –, cumprimentou efusivamente o atendente, que ficou sem entender tanta intimidade, pois nem se conheciam, e se juntou ao grupo, como ‘guia’.

As mulheres e o homem e todas as pessoas que estavam na praia consideraram invasiva aquela atitude, no entanto, reconheceram e aceitaram que não havia outro jeito. Queriam informações e ganharam um mala.

Foram até o carro do turista e, depois das ‘orientações iniciais’, rumaram para o Sul. Helesé falava com entusiasmo das belezas naturais da praia-destino, que jamais esqueceriam tal passeio, que era bem pertinho, entre outras enganações.

E aquela praia ficava cada vez mais distante. Na verdade, nem ele sabia onde ficava.

À medida que viajavam, cada vez mais, os turistas acumulavam nojo do guia e Helesé sentia que ‘as uvas estavam verdes’. Ou seja, sentado no banco dianteiro do carro, perdia até a visão daqueles corpos bronzeados; só ouvia os cochichos delas, comentando a idiotice dele.

Sentiu-se perdido. O que era natural, pois estava, desde o início, o mais perdido dentre os cinco. Alegou que a Prefeitura deveria ter mudado de lugar a estrada e que deveriam parar em uma

casa, para confirmar as informações. E assim foi feito.

Porém, tão logo o ‘guia perdido’ se afastou na direção da casa, o motorista acelerou o carro e deixou nosso herói a pedir informações. Agora, informações de como poderia retornar até seu Chevette, que estava estacionado em uma vaga para deficientes, algumas praias atrás.

Só a pé. É o que informaram.

Então, começou a voltar a pé. O sol cozinava e os buracos na areia da estrada malcuidada pioravam a peregrinação.

Depois de vários quilômetros, conseguiu uma carona, na caçamba de uma camioneta, que ia em direção ao Chevette preto. Mas, ainda bem distante.

Novamente a pé, andou mais um trecho. Quando a garganta começou a arder, parou pra pedir água.

A mulher ofereceu água e uma sombra na varanda da casa. Foram conversando e, depois que ele apresentou umas amostras de desempenho físico, ela ofereceu bem mais que sombra e água.

Helesé acordou lá pela madrugada, quase descansado. Estava satisfeito com ambas as refeições, mas ainda distante do Chevette.

Tomou uma decisão (coisa rara, para ele) de ‘sair de fininho’ e retornar à praia de origem, ao carro, e, com ele, para casa. Ah! Para casa. Pois é, ele tinha uma casa, com pais, mulher e filhos. Bem, isso ele tinha esquecido.

Durante a caminhada final, foi bolando um álibi para justificar a mancada. Chegou ao Chevette, abriu as portas, remexeu a bagulhada sobre o assento, para simular que alguém tivesse procurado o que roubar, e foi até à delegacia, registrar o Boletim de Ocorrência.

Depôs que fora sequestrado, no carro dele mesmo. Explicou que, enquanto um veio com conversa, os outros bandidos foram entrando no carro. Depois de rodar uns dez minutos, mandaram parar diante de um caixa eletrônico e obrigaram que ele sacasse dinheiro, mas não conseguiram consumir o crime porque a máquina estava enguiçada. Ali mesmo, ameaçaram bater nele e levaram os trocados que ele trazia nos bolsos. Fugiram com o Chevette e ele pedia ajuda à Polícia.

Findo o relato, o escrivão começou o interrogatório. Quem ele era, o endereço, o emprego, referências, ... um sem-fim de perguntas.

— Ele Zé?

— Não. Helesé. Com agá e tudo junto. É o começo da minha mãe e o fim do meu pai. Tenho nome raro...

— Tô vendo. É assim?

— Assim mesmo. Tudo junto.

O rosário foi comprido demais para a pouca inteligência do malandro. Perdeu-se nas respostas e começou a brincar com a chave do carro. Chave do carro? Mas, os sequestradores não haviam levado o carro? Sim. Mas, esqueceram a chave. Consumou-se a desgraça. Perdeu o rumo.

Resolveu, então, confessar que estava tentando encontrar um álibi para justificar as mancadas, pois a família não deveria saber daquela loucura toda. Contava como certo que os policiais fossem camaradas e que, com ele, achassem graça das trapalhadas, rindo juntos até não poderem mais.

Eles nem riram, nem falaram. Apenas avisaram à família e lavraram a Autuação em Flagrante, por Falsa Comunicação de Crime.

AGUARDANDO CLEMÊNCIA

Enquanto aguardava a digitação do documento, deixou os olhos passearem pelo ambiente. Parecia pouco acolhedor. As paredes, as portas e

os avisos expostos nos murais... Os policiais permaneciam calados e atentos. Prestando mais atenção, notou expressões faciais complacentes. Começou cismar: poderiam estar zombando dele, rindo por dentro. Justamente dele, um homem de paz, que só queria aproveitar a vida.

E como demorava o preenchimento daqueles papéis!!! Pior é que o monitor ficava virado para a autoridade, que escrevia muito, não contava o que estava escrevendo e, também ele, tinha um sorriso disfarçado, ironia vertendo pelos olhos. Torcia para que aquele suplício acabasse de vez e que o deixassem em paz. Preferia ficar preso do que estar sendo interrogado.

De repente, a impressora acordou num soco e começou a riscar a folha em branco. O escrivão se espreguiçou, bocejou e deu uma piscadela para alguém do outro lado da sala. Maldito, pensou: rindo de um pobre inocente... Inocente? Levou um soco na mente. Agora, findo o interrogatório, se arrependia das justificativas que esqueceu de dar. Estava tão atordoado com o fracasso do plano que nem lembrou de apelar para a bondade das autoridades.

Quando, finalmente, iniciou a ladainha, ninguém mais lhe dava ouvidos. Falava apenas para si mesmo. O interrogatório havia sido encerrado e ele já estava detido. Um policial o conduziu a uma sala com grades nas janelas e ordenou que

aguardasse quieto até que alguém da família viesse tomar conhecimento da prisão.

Depois que a porta foi fechada atrás dele, lembrou que poderia ter pedido que o soltassem antes das oito horas, para que pudesse ir para o trabalho, pois o chefe estaria esperando. Era verão e o turismo estava a todo vapor, o prefeito até havia elogiado o secretário pelos esforços da equipe para manter as praias limpas e para divulgar a hospitalidade do povo e as maravilhas das águas.

Hospitalidade que faltava ali, pois nem um banco para sentar havia. Depois de uma noite de peripécias, as pernas estavam doloridas e meio bambas. Para pensar melhor precisava caminhar, porém se cansou rapidamente. Agachou-se. Também cansou. Escorregou então para o piso frio e deixou o corpo à vontade. Quase cochilou.

Ouviu então a voz da mãe (Ah! Minha mãe!), defendendo a inocência dele, com uma sinceridade arrasadora. Falava com tamanha convicção que até ele sentiu reduzir o próprio sentimento de culpa. Dizia ela que o filho poderia ser ingênuo, porque tinha um ‘coração de manteiga’, porém, jamais, cometera um crime; se errou – pouquíssimas vezes –, errou porque desconhecia o procedimento correto. Parecia que estava conseguindo convencer; ao menos não se ouviam contestações.

Em seguida, o que passou a ouvir foi a voz de Amélia, a infeliz que aceitou conviver com o malandro, também falando em inocência, que ele apenas havia se perdido, porque desconhecia a região. Confiava na Justiça e que logo iria para casa, com a sogra e com o marido.

Porém, uma voz de homem, quase inaudível, deve ter informado detalhes do plano dele de usar a polícia como álibi para as aventuras ilícitas. Imediatamente, a mulher mudou de tom e, agora enfurecida, queria entrar à força para bater no marido, aquele safado.

Helesé ouvia a confusão de vozes, com a autoridade tentando explicar que só uma das duas poderia falar com o detido e por apenas uns minutos. A mãe alegava ter chegado antes, ter gerado o ‘injustamente’ detido e ser mais velha, também. Logo, ela era quem tinha direito de entrar e conversar com o filho. A mulher afirmava que homem casado deixa de ser dependente da mãe e passa a ser cônjuge; logo, o assunto passava a ser responsabilidade dela.

Diante da teimosia das duas, a autoridade decidiu que nenhuma iria se encontrar com o acusado, mesmo porque elas não estavam tentando entender e julgar as circunstâncias da detenção; estavam apenas, irracionalmente, querendo exercer o direito de posse sobre o réu. Ao contrário, ameaçou enquadrá-las também na

lei. Diante da dura realidade, as duas abriram mão das verdades particulares, fizeram ‘as pazes’, se abraçaram e foram para casa.

PRIMEIRA VIAGEM OFICIAL

Silenciada a área, os policiais prepararam os papeis e encostaram o camburão para levar o detido da Delegacia para o Presídio Regional.

Tão logo a porta de detenção foi aberta, ele saiu cabisbaixo, sem oferecer resistência. Porém, queria viajar no interior do veículo e não no bagageiro, trancafiado. Alegou ser uma pessoa pacífica, que, em momento algum, havia praticado violência, tendo, ao contrário sido muito polido e cortês.

Obviamente, foram apenas palavras ao vento, dessas que todo réu usa e abusa para reclamar seus ‘direitos humanos’, mas sem efeito prático que pudesse perturbar a rotina oficial do transporte de presos. Aliás, essa foi a primeira viagem oficial do Helesé, com ordem de serviço e tudo o mais. Das outras viagens em carros oficiais, ele era apenas um funcionário da prefeitura embarcado na caçamba, junto com enxadas, vassouras e pás.

Ali no escuro do bagageiro do camburão, a pequena viagem pareceu enorme e sem fim. Tentava imaginar o percurso, a trajetória, a velocidade, as paisagens marginais, mas o movimento, às vezes irregular, outras vezes, harmonioso, pouco ajudavam a identificar o roteiro, a velocidade ou o destino. Precisou firmar os pés nas paredes irregulares para não rolar feito um botijão de gás vazio. Quando relaxava o estaqueamento, vinha outra curva e ele dava com os ossos na carenagem.

Finalmente, o martírio cessou. Ficou ouvindo quando os seus ‘algozes’ abriram as portas do veículo e caminhavam sobre a brita, produzindo estalinhos de quebradeira. Apalpou os velhos tênis que fediam nos pés e sentiu-se reconfortado por não ter de pisar nas pedrinhas pontiagudas.

Ouviu, então, vozes abafadas. Depois, rangido de ferros girando no seco. Eram as portas do presídio se abrindo para o malandro.

A porta traseira do camburão foi aberta e a luz queimou as retinas. Ia sair de boa vontade, mas não tinham paciência com ele e foram logo puxando pelo braço, com pressa. Aí, foi agarrado por mais dois e empurrado aos trancos para a sala de identificação. Foi preenchido o cadastro dele na unidade e passou por uma revista geral.

SEM-VERGONHAS

Nos bolsos dele não encontraram nada; nem vergonha ele tinha.

Preenchidos os papeis, foi levado, pelo corredor abafado, rumo à cela. Pela vez primeira sentia aquele odor característico das prisões; um cheiro úmido, de sabonete mofado, que gruda na memória para sempre. Ainda agarrou-se à parede, como se estivesse agarrando a liberdade, mas toda resistência que conseguiu foi apenas um pequeno atraso na reclusão. Enquanto rangiam as dobradiças, foi pedindo que o soltassem antes das oito horas, que ele era esperado pelo chefe, porém falava ao vento, pois nem tiveram o trabalho de ouvir a lamúria.

Tão logo bateram o cadeado, ele foi voltando – lentamente – para a porta fechada e, quando agarrou as grades, sentiu um frio metálico subindo pelos braços. Os guardas pisaram o chão com força e desapareceram atrás de uma outra porta, porém de madeira e não de aço, como a que ele segurava com as mãos.

Bem. Agora, estaria a sós, ao menos.

Largou dos ferros e virou-se para os fundos da cela. Que susto!!! Não estava só. Na confusão,

nem percebeu que três colegas desanimados olhavam para ele, também eles com cara de deboche. Soltou o verbo. Era inocente e não um bandido como eles.

A palavra bandido despertou luzes ferozes em cada um daqueles seis olhos. Um dos homens saltou em pé. E fincou estátua. Os outros foram levantando devagar, mas num movimento decidido e avançaram nele. Defendeu-se, um pouco... depois assumiu o papel de vítima, chamou pelo delegado, pela mãe (dele, não a do delegado, é claro) e continuou apanhando.

O agente veio verificar o motivo da confusão. Os três agressores seguraram os socos no ar. Só por uns instantes...

Pensando que o agente vinha para protegê-lo, Helesé relaxou a defesa e levou bons pontapés. Sorte dele, que os três consideraram temeroso bater demais no 'colega'; podiam, em outras ocasiões, serem vítimas e passar pelo mesmo suplício.

De certa forma, o agente trazia algum conforto, pois informou que a mãe do malandro estava na portaria, com um advogado. Que velhinha esperta, pensou ele. E rápida.

Colocou as mãos nas algemas oferecidas e seguiu o guarda até o parlatório, onde, do outro lado de uma parede de vidro grosso, viu a mãe e um

homem engravatado. Outro guarda estava parado atrás da velha senhora, como que para evitar que ela estilhaçasse o muro invisível e soltasse o filho delinquente. Ele, reanimado pelo amor maternal, desatou a justificar:

— Não tive culpa, eu me perdi, não conhecia a estrada e não consegui voltar. A senhora não sabe quanto medo passei, andando pela madrugada, os bichos do mato me assustando, as pernas cansadas, imagens da família vinham à minha cabeça, as crianças que foram dormir antes de eu chegar, a Amélia – aquela santa – deve de ter me esperado com a comida no fogão... Que desgraça me aconteceu, eu não mereço sofrer tanto assim.

Porém, só gastou palavras, pois a mãe não se comoveu. E nada falou. Apenas olhou para o advogado, que explicou a situação jurídica e orientou como deveria proceder, caso quisesse sair da cadeia. Obviamente, perguntou pelas condições que ele tinha para pagar os honorários advocatícios e para prover as gratificações das autoridades.

Helesé sabia muito bem que tudo isso podia ser resolvido com a ajuda do prefeito para quem ele tanto trabalhou na última eleição. Bastava o advogado procurar o encarregado, que falaria com o secretário, que falaria com o prefeito, que

falaria com o juiz, que mandaria soltar o cabo-eleitoral.

A mãe, igualmente, julgava que o prefeito tinha a obrigação de defender o filho, pois ele ‘dava a vida’ pelo Partido.

Também o causídico considerou boa a estratégia de defesa, porque, além de ganhar sem trabalhar, conheceria o alcaide, que provavelmente seria mais um de seus futuros clientes.

Assim, a audiência derivou da esfera jurídica para a esfera política, um campo muito mais obscuro do que a cegueira da Justiça. Se bem que Helesé nunca soube da existência da frase “A Justiça é cega.”.

Por outro lado, o advogado conhecia a frase e também vivia ao abrigo dessa ‘cortina’, além de preferir resolver as questões jurídicas com negociações políticas. Por isso, ficou encarregado de procurar a burocracia municipal para obter a soltura.

O cliente era primário, inclusive réu primário. Além de ser um ser primitivo.

RELÓGIO DO DESASSOSSEGO

Os primeiros trinta e sete anos de Marília transcorreram na mais perfeita normalidade, seguindo as etapas da vida, os costumes paulistanos e as regras tácitas da competição social. Os ritos de passagem, a educação formal, a casa dos pais, o concurso público, a carreira num grande banco estatal, ... Tudo foi rotina e tranquilidade.

Para os lados do amor, também viveu sem percalços, passando pelas fases biossociais, sem atropelos ou sobressaltos. Paquerou, namorou, casou e procriou naturalmente. O marido, empresário bem sucedido, sempre se mostrou cordato e solícito; o casamento poderia ser considerado um modelo para a Sociedade.

Os filhos adolescentes já assumiam suas autonomias, a situação financeira estava sob controle, a moradia era espaçosa e localizada num lugar aprazível, bem distante do centrão da metrópole, da poluição e das favelas. Um pouco distante do local de trabalho, mas o transporte

coletivo ficava à mão e não havia do que reclamar.

A vida familiar havia assumido características de rotina empresarial, com hierarquia informal e fluxogramas implícitos. Tudo fluía muito bem, sem imprevistos ou perturbações. Ainda não era um tédio instalado, mas já ameaçava o funcionamento da dinâmica familiar. Essa harmonia quase perfeita estava cansando o marido.

Ele estava pensando em algo que alegrasse Marília mais do que satisfaziam os agrados de sempre. Algo que injetasse energia naquele casamento que caía num marasmo amoroso. Foi então que ele, numa de suas viagens a negócios, comprou um relógio original, personalizado, único naquele modelo; mais que um relógio, uma joia.

Ao retornar do exterior, depois de relatar detalhes da viagem, depois de usufruir dos confortos do lar e depois da janta, entregou o relógio a ela, sem alardes, com naturalidade. Procedeu como se estivesse entregando um livro que recebera de um cliente como brinde. Entregou como se o relógio não fosse especial.

Ela acariciou demoradamente a joia e verificou as ferramentas tecnológicas oferecidas. Imaginou que seria para uso em festas da elite

social. Por isso, guardou cuidadosamente o relógio.

O procedimento desagradou profundamente o marido, que questionou o excessivo cuidado para com a máquina de marcar as horas. Ele queria que ela usasse o relógio todo dia, para ir trabalhar, para não perder as conduções, para verificar o horário dos lanches e do almoço. Queria que, durante as tardes, ela olhasse ansiosamente para o mostrador contando os minutos para retornar para o lar.

Naquela noite, Marília refletiu longamente sobre as palavras do marido, sobre a vida dela composta de dias muito iguais, de rotinas semanais e de alegrias desbotadas. Concluiu que seria emocionante usar um relógio personalizado e causar impressão aos colegas de trabalho e, principalmente, aos clientes.

E assim, no dia seguinte, colocou no pulso aquela joia e viu um sorriso de satisfação na cara do marido. Lisonjeada e com uma ponta de orgulho, foi ao ponto de ônibus e, com o coletivo, para a Estação do Metrô. Já no centro da cidade, caminhou resoluta, balançando o braço para que todos vissem e admirassem a joia.

Chegando ao local de trabalho, cumprimentou efusivamente o porteiro e a copeira, sempre colocando em evidência o novo relógio. Procedeu

dessa forma até a hora do almoço. Contagiada pela beleza da peça, ela também se sentia nobre, bonita e valorizada.

Por isso mesmo, não entendeu o ‘mau-humor’ do colega que veio sentar à frente dela, com sua bandeja de refeição. Entendeu menos ainda a censura dele, tomando liberdades de prevenir sobre os riscos de andar em público com uma joia de tanto valor e que poderia ser roubada sem muito esforço. “Imagine num assalto à agência, o que os assaltantes recolherão primeiro?”, assustou ele.

Ela fechou-se em silêncios. Provavelmente, o colega estava só com inveja. Mesmo assim, passou a olhar o prato de comida com um só dos olhos; o outro permanecia fixo no relógio. Não para ver as horas, mas para vigiar o tesouro. Nem respondeu a saudação do rapaz quando esse concluiu a refeição e afastou-se da mesa. Estava magoada com aquela ameaça anunciada.

Por isso, perdeu o sossego. Escovou os dentes com rapidez e retornou cabisbaixa para a mesa de trabalho. Lá chegando, sentou-se e inclinou-se para frente, de forma a acobertar a ação seguinte que foi retirar o relógio do pulso e escondê-lo no fundo da gaveta.

Durante aquela tarde, viveu sentimentos antagônicos: comemorava a presença do marido,

ali representado pelo relógio, e, alternadamente, estremecia com medos de assaltos.

Nos dias seguintes, continuou a sair de casa com o relógio no pulso, mas só até ganhar distância do marido. Aí, retirava e escondia a joia na bolsa. Chegando ao trabalho, depositava o relógio no fundo da gaveta, de onde só tirava no final do expediente. Já não vivia despreocupada: passava o tempo protegendo o relógio.

Suportou esse suplício por um mês e planejava conversar sobre isso com o marido, negociar com ele: devolver o relógio e exigir de volta a paz de espírito dos tempos insossos. Porém, distraiu-se antes de consumir o resgate da tão sonhada tranquilidade e a situação ficou ainda pior.

Naquele dia, parecia que tudo dava errado: saiu atrasada de casa, perdeu o horário do ônibus e, em consequência, do metrô, todos os clientes resolveram ter problemas ao mesmo tempo, deixou o emprego depois da hora e acabou fazendo a bobagem que fez.

Como estava atrasada, encontrou o ônibus lotado e enfrentou congestionamento no trânsito, o que piorava ainda mais aquela agonia de andar pendurada na barra do teto do coletivo para não ser jogada a cada freada ou solavanco. Além dos maus odores, tinha de suportar as pessoas passando e se esfregando no corpo dela, muitas

vezes por maldade e não só por falta de espaço para passar.

A penitência prosseguia e ela sonhando entrar em casa, tirar os sapatos que apertavam e sentar por instantes, para, em seguida, se livrar de toda aquela canseira. Para ver se conseguia ajudar o tempo passar mais depressa, procurou o relógio na bolsa, a fim de verificar a hora. Ah!!! Cadê o relógio??? Meudeus!!! E agora?

Quando o tremor acalmou um pouco, procurou investigar as pessoas que viajavam logo atrás dela. Essa normal, aquela coroca, aquele ... não tem cara disso, esse bem atrás ... Foi ele: tem cara de bandido.

E agora? Gritar 'ladrão'? Chamar o cobrador? Telefonar para a Polícia?

Não. Resolveu agir por conta própria. Enfiou a mão na bolsa, catou a lixa de unhas, segurou o cabo com toda firmeza possível e, meio de lado, sem olhar para a cara do homem, espetou a ponta metálica nos vazios do 'ladrão', pronunciando energicamente: "O relógio." Segurou a lâmina com força, até sentir que caiu algo pesado dentro da bolsa, que ela, providencialmente, tinha deixado aberta.

Retirou a 'arma' e manteve-se ereta, firme nas pernas. Controlando os músculos para não tremerem. Suava frio, mas tinha conseguido: o

‘bandido’ se borrou de medo e devolveu o relógio. Menos mal. Além do que, agora, a decisão de falar com o marido sobre aquele sofrimento estava cada vez mais imediata.

Para alívio dela, logo em seguida, o homem puxou a campainha e se encaminhou para descer. Olhou para ele de relance: alto, magro, boné na cabeça, barbas negras e descuidadas, molambento, botinas rotas e uma sacola ordinária. “Bandido, vagabundo, lazarento.” Pena que só podia gritar em pensamento e não aos berros. “Bandido, vagabundo, lazarento.” Acrescentou ainda uma praga: “Que o diabo te carregue!”

Mais aliviada, prosseguiu aquela viagem espichada por atrasos. Chegou em casa bem mais tarde e muito mais cansada. Como o marido estava no banho, nem precisou colocar o relógio no pulso e guardou a bolsa no armário. Tirou os sapatos e já foi para a fila do banho, pois se sentia mais suja do que nunca. Ao relembrar a coragem de ameaçar o ‘bandido’, sorria para si mesma.

Ao sair do banho revigorante, passou pela porta da sala e viu o marido acompanhando o noticiário televisivo. Aproveitou a ‘folga’ para vestir-se com calma e verificar se houve algum estrago no precioso relógio.

Que choque!!! Dentro da bolsa, encontrou um relógio velho, roído por profundos arranhões e salpicado de pontos de cimento seco. Entrou em pânico, sem forças para gritar, erguer um pé ou jogar aquele ‘lixo’ no chão. Ficou estática, segurando a imensa decepção.

“Maldito bandido; vagabundo, lazarento. Um grande fdp.” Logrou ela mais uma vez: primeiro, roubou; depois ‘devolveu o relógio velho no lugar do novo’. Sentiu ganas de procurar o velhaco e triturar as mãos dele. Porém, sabia que não teria forças para isso e que, muito dificilmente, encontraria o ‘bandido’.

Mais uma vez: E agora? O marido sentado no sofá da sala; o relógio, quem sabe onde? E ela na maior confusão. Sentia-se culpada pelo sumiço do rico relógio, a grande prova de amor do marido. E o que fazer com aquele velho relógio sujo?

Decidiu fingir ainda mais. Primeiro, procurou controlar os impulsos de ódio, deixar baixar os batimentos cardíacos e assumir um ar de cansada para não precisar falar muito. Assim, desanimada, em passos lentos, foi até à sala e jogou-se no sofá. O marido gastou uns segundos de atenção com a insignificante presença dela e voltou a acompanhar as informações do time dele, da escalação da equipe e das possibilidades de vitória no próximo domingo.

Aquela indiferença ampliou ainda mais o desânimo já instalado. Depois de uma pequena e inútil espera, Marília se arrastou para o quarto e recolheu aos lençóis todos os seus fracassos.

Passou a noite em revolta sobre o leito, dando graças que o marido chegou, deitou, adormeceu e dormiu até o cantar do despertador.

Ela levantou-se imediatamente, lavou a cara amassada de insônia e preparou-se para o trabalho, com um medo a mais: o de encontrar o maldito no ônibus.

E se acaso encontrasse com ele, como agir? Fingir que não o reconhecia? Perguntar pelo relógio? Gritar pela Polícia? Ou apenas conversar com ele, explicar toda a situação?

Por precaução, levou consigo o velho relógio, riscado e cimentado. Vai que o homem tenha pensado melhor e resolveu desfazer a troca? Ela própria poderia ir ao encontro dele e propor a solução.

Porém, vasculhou as plataformas e o ônibus e não encontrou ninguém que se parecesse com a figura registrada na memória. Desceu no ponto-final, entrou no metrô, desceu do metrô, foi para a empresa e organizou a mesa para iniciar o trabalho.

E já sentava em frente dela o primeiro cliente do dia. Ele solicitava um documento que deveria ser

requerido por escrito. O formulário estava na gaveta do lado direito da mesa. Marília ergueu as pastas para pegar o formulário. E ... o relógio ‘roubado’ estava lá. São e salvo. Trabalhando com regularidade. Sorrindo para o susto dela. Estava lá onde havia sido colocado na manhã do dia anterior.

E o cliente ali esperando o formulário para requerer o documento. E o rapaz estava com pressa. E ela estava muito pálida. E ... saiu correndo para os fundos, para vomitar em lugar mais apropriado.

Marília passou o dia em meio a uma revolução de sentimentos antagônicos; entre a alegria de ter sido apenas uma sequência de equívocos dela e a vergonha de ter assaltado um operário.

Porém, como estava com ela, o precioso relógio poderia ser devolvido para o marido, para que ele guardasse a joia e assumisse toda consumição pela riqueza, pelo status e pelas provas de amor.

Por outro lado, o operário deveria ter ficado revoltado e perplexo diante desse caos social em que uma madame usa de uma ‘faca’ para roubar um homem pobre e trabalhador. O que teria dito para a família, para os vizinhos e para os colegas de serviço? O que estaria pensando dela?

Tomou a decisão de sair um pouco mais tarde para viajar no mesmo horário do dia anterior e – quem sabe? – encontrar com a vítima para devolver o relógio. Diante dos demais passageiros, pediria desculpas e explicaria a confusão que criou. Garantiria que não quis assaltar; que apenas se sentiu perdida e fez mau juízo dele.

Porém, a busca foi infrutífera, não encontrou alguém parecido com a imagem que guardava na memória e teve de levar para casa o velho relógio salpicado por pedaços de concreto.

No entanto, a outra parte dos planos dela poderia ser realizada. Depois do jantar, solicitou atenção especial do marido para falar francamente sobre todo imbróglio. Precisava descarregar aquelas angústias e, finalmente, dormir um bom sono.

Começou reafirmando o que sentia por ele e que dispensava declarações de amor, frequentes e ruidosas; bastava voltar ao de sempre. Seguiu dizendo que estava satisfeita com a presença dele naquela casa que juntos construíram e habitavam em harmonia. Que jamais esperou demonstrações teatrais ou doação de objetos materiais que comprovassem o alto grau de admiração.

Ouvindo essas palavras, o marido entendeu que, ao falar em objetos materiais, Marília se referia ao relógio caro que ele entregou para ela como ‘prova de amor’. Ficou imaginando o motivo daquela conversa solene, daquela exposição de motivos.

Ouviu, então, a epopeia vivida por ela; que a doação teve consequências inesperadas.

Atônito e contrito, ele declarou que jamais desejou que o mimo provocasse pesadelos e sofrimento, muito menos na mulher que idolatrava. Prometeu negociar o relógio com um amigo que ficou encantado com o objeto e manifestou forte desejo de conseguir uma joia semelhante.

Solenemente, prometeu ser apenas um marido devotado e agir com simplicidade, sem criar problemas para a esposa. Compraria somente o que ela tivesse desejado e escolhido. Compartilharia com ela as alegrias cotidianas e estaria satisfeito.

